

LÍDERES DE TORCIDA DA ESCOLA IRMÃ GABRIELA: UMA PRÁTICA CORPORAL PARA TODOS, POR QUE NÃO?

Larissa Natália Macêdo Moura Fujisse

EE. Irmã Gabriela Maria Elisabeth Wienkem

No ano de 2015, a EE. Irmã Gabriela Maria Elisabeth Wienkem, desenvolveu o Projeto Político Pedagógico que se baseava na construção da identidade dos alunos, elaborando várias atividades que contemplassem o assunto, no primeiro semestre realizei na escola o projeto intitulado: A prática da cultura corporal em interface com a construção da identidade discente, onde várias atividades foram realizadas. Ao término do projeto, no segundo semestre mais precisamente, foi decidido que aconteceria na escola um campeonato de futsal.

Desde o começo, a preocupação foi a democratização ao acesso de todos a este campeonato, pois antes somente os meninos participavam. Em reunião com a coordenação pedagógica da escola, decidimos que as meninas tinham sim que participar, mesmo contra a vontade de alguns da equipe gestora. No primeiro momento, quando acontecia a competição masculina, tudo transcorria perfeitamente, o tempo de jogo estipulado foi corretamente cronometrado e os jogos foram decisivos com respeito às regras. No final do campeonato, todos os alunos da escola foram dispensados para prestigiar o acontecimento, finalizando com um jogo entre o time vencedor e os professores, que golearam os meninos, que participaram de vários jogos e estavam definitivamente exaustos. No segundo dia, na competição feminina, a logística dos jogos se entrelaçou com o seguinte discurso: *“Ah, deixa elas jogarem cinco minutinhos e pronto”* ou até mesmo *“Ah, a escola toda não pode descer pra prestigiar a final das meninas”*. Até mesmo o discurso machista dos meninos nas partidas das meninas, acabaram contaminando o campeonato. Mesmo que com a decisão da participação das meninas, a competição feminina não teve a mesma atenção. Com a ajuda de algumas professoras e professores de outras disciplinas que perceberam a situação, conseguimos contornar o fato, organizando os jogos, maximizando o tempo para que elas pudessem jogar verdadeiramente e na final, conseguimos que todos os alunos fossem dispensados para assistir a final do campeonato, ato este, que foi encarado como forma de resistência e causou uma divisão na escola.

Após este campeonato, onde “todos” poderiam participar, buscando uma devolutiva, em diálogo com as turmas, percebi na fala das meninas, um certo incomodo

com relação às desigualdades durante os jogos, já que os mesmos se queixavam que não tiveram os mesmos direitos que os meninos. Sabe-se que há tempos a sociedade vem se transformando, mas nela ainda estão introjetados o preconceito, as desigualdades, as classificações, os estereótipos com reflexo dentro da escola, em nossos alunos. Depois de tudo, fiquei refletindo como eu poderia conscientizar os alunos, ou criar um projeto que contemplasse as meninas e os homossexuais, que eram a diferença produzida não só por aquele campeonato inesquecível, mas produzida socialmente. A discriminação quanto as relações de gênero não estavam só presentes entre os alunos, mas na escola de modo geral. De uma coisa eu tinha certeza, que teria um grande desafio pela frente.

A princípio, durante as aulas comecei organizando uma roda de conversa com os alunos dos 6^{os} anos, com o objetivo de somente ouvi-los, dar voz as opiniões por vezes engasgadas e o assunto foi o campeonato de futsal da semana anterior, quero dizer, o campeonato foi mesmo só a ponta do iceberg para que muitas vezes ecoassem na sala em uma grande briga.

Pois bem, após os ânimos se acalmarem, retomamos a discussão de forma civilizada e o mesmo discurso podia ser ouvido novamente: “*Prô, essas meninas não sabem jogar, tudo perna de pau*”, “*Elas são barraqueiras, brigam por tudo!*”. Já as meninas, se justificavam dizendo: “*Nós somos mais inteligentes*”, “*Vocês só sabem correr atrás de bola*”. Os homossexuais não ficaram calados e também mostraram a sua indignação e a falta de respeito com que eram tratados.

Pensando em como alcançar a todos, nesta discussão sobre gênero, juntos levantamos a hipótese de que, ao invés de aproximarmos as meninas do futsal, tentaríamos aproximar os meninos de uma prática vista como feminina. Depois de muitas discussões com os alunos por vezes sem um norte, no âmago das reflexões, busquei na minha identidade como ex ginasta, inspiração para este trabalho e já que no semestre anterior havíamos estudado Ginástica Artística e Ginástica Rítmica, os alunos já tinham uma boa base de conhecimentos sobre diversas acrobacias que já haviam vivenciado e ressignificado, por isso, já que estávamos falando sobre campeonato de futsal e participação democrática, decidi lançar a proposta de tematizar a prática corporal dos líderes de torcida, onde todos os alunos poderiam vivenciar as atividades de forma democrática, a fim de colaborar com o entendimento sobre gênero, preconceitos, etc.

Com isso, este trabalho visa apresentar uma experiência sobre a prática corporal dos líderes de torcida, permitindo que os alunos de modo geral, entendessem e ressignificassem essa manifestação, até então conhecida pelos alunos como prática feminina, vista nos filmes americanos, com a participação de meninas magras, bonitas e habilidosas. A princípio participaram do projeto, alunos dos 6ºs e 7ºs anos, alcançando posteriormente os alunos dos 8ºs e 9ºs anos com a popularização da prática na escola. O trabalho teve como objetivos: Ampliar e aprofundar os conhecimentos dos alunos sobre a prática corporal dos líderes de torcida, tentando superar a visão de prática estritamente feminina, quebrando os tabus de preconceito, desigualdade, exclusão e ressignificar a prática, criar novas possibilidades de construir novos movimentos levando em consideração as características e limitações dos participantes, mostrar o papel fundamental que os meninos poderiam ter nas coreografias juntamente com as meninas.

Este projeto teve a duração aproximada de um mês e meio e as práticas eram feitas durante as aulas de educação física e em outros momentos, com a ajuda de outros professores, sendo de grande importância o auxílio da professora Silvia, de Língua Portuguesa e da professora Geni, responsável pela sala de leitura. Ambas auxiliaram o projeto até o fim.

Após decidir que estudaríamos as práticas corporais dos líderes de torcida, propus aos alunos que os mesmos assistissem aos filmes: *As Apimentadas: Tudo ou Nada* e *As Apimentadas: Entrar Para Ganhar*, alguns discursos dos meninos já podiam ser ouvidos: *“Nossa, vamos ter que assistir filmes de menininha”*, ou até mesmo *“Esse papo de apimentadas não vai dar certo!”*. Na aula seguinte, fizemos um debate sobre o que eles tinham visto nos filmes e discursos surpreendentes foram colocados pelos alunos: *“Professora, eu vi que tem alguns meninos que participam”*, *“Professora, tinha uma menina loira no filme e ela teve que se mudar para o gueto e lá tinha uma equipe de líderes de torcida de negros”*, além da discussão sobre gênero, a questão étnico-racial também foi contemplada. Com estas informações trazidas, começamos a desconstruir a imagem de que só meninas loiras, magras e ricas eram líderes de torcida, embora tradicionalmente as equipes dos colégios americanos sejam formadas por estes padrões o filme quebrava com esta visão. Sobre a participação dos meninos, ainda tímidos, outros discursos foram apresentados: *“As bases de pirâmide sempre são formadas pelos meninos, pois eles são mais fortes”*, discursos de legitimação da força masculina. Nas aulas seguintes, em cada turma, enquanto as meninas sempre estavam dispostas a criar passos e acrobacias novas, os meninos se apropriavam timidamente das coreografias. Os

alunos, começaram a aprofundar seus conhecimentos sobre o tema, trocando músicas, baixando fotos no celular e pesquisando afundo a prática, até mesmo grupos nas redes sociais foram criados para que estas informações fossem trocadas.

No decorrer das aulas, pude perceber, que não somente a relação de gênero era contemplada, mas a de inclusão também, duas alunas, uma com deficiência intelectual e uma com paralisia cerebral demonstraram grande interesse em participar, ressignificando e recriando seus movimentos.

Na próxima semana, um caos se instalou na escola, pois vários alunos de outras séries me perguntavam a todo momento: “Professora, nós também queremos participar!”. Após conversa com a coordenação e com a ajuda de outros professores, a prática foi crescendo na escola, contemplando outras séries.

Começara ali um dos momentos mais difíceis, já que cada sala havia formado sua equipe, uma rivalidade se instalou, pois uma equipe não poderia ver o ensaio da outra, aconteciam muitas brigas, não mais entre meninos ou meninas, não mais por excluírem os colegas, mas uma briga entre equipes. Como tentar desconstruir essa rivalidade, quando o objetivo seria quebrar tabus de gênero, exclusão e preconceito? Surgiu ai mais uma problemática a ser discutida, mais rodas de conversa, não foi nada fácil.

A competição já estava introjetada nos alunos, mas foi preciso intermediar essa competição, mostrando-os o respeito ao adversário e o jogo limpo.

Claro que estas discussões foram levadas continuamente, a fim de que os alunos buscassem este entendimento, com isso levantou-se a hipótese, de criar um campeonato de líderes de torcida da escola Irmã Gabriela, a princípio achei inviável, pois com isso estaríamos excluindo e segregando, fazendo tudo ao contrário do que eu havia proposto anteriormente. Ainda com este dilema, pude perceber o amadurecimento na fala dos alunos: “*Professora, vai ser legal! Será algo democrático*”, “*Professora, desta vez todos participarão, vai ter igualdade de direitos*”, “*Professora, mesmo que nós tenhamos que competir com os pequenos, nós respeitaremos*”. Novamente recorrendo às professoras que me ajudaram desde o começo decidimos realizar o campeonato, foi um dia inesquecível para todos da escola, naquele momento percebemos, como foi importante essa desconstrução e a quebra dos tabus de gênero, preconceito e exclusão, como foi importante a ressignificação da prática, levando-os a entender que todos poderiam e podem ter os mesmos direitos, independente do que seria feito. A participação dos meninos nas equipes foi minoria, muitos ajudaram nos bastidores, com as coreografias,

confeccionando os pompons das meninas, mas poucos se prontificaram a participar da competição em si, porém o nível de amadurecimento, quanto a reconhecer as diferenças e as relações de gênero se tornou perceptível por todos na escola e o que foi proposto anteriormente tinha sido contemplado, mesmo que a maioria dos meninos não participassem da competição, o entendimento sobre o que foi proposto tinha sido assimilado. A estrutura foi montada, caixa de som, decoração na quadra, bexigas e até mesmo mesa de jurados, mas aquilo não importava, aquilo foi uma forma de legitimar o que eles já tinham ressignificado, era uma forma de mostrar o que eles tinham aprendido e das meninas superarem o campeonato de futsal que havia passado. Independente de ser uma competição, todos tiraram uma grande lição daquilo tudo, as meninas tiveram seu espaço, mesmo não sendo loiras e brancas como as líderes americanas, os homossexuais tiveram seu espaço, coreografando as meninas, ajudando-as no figurino ou até mesmo participando e os meninos tiveram a oportunidade de reconhecer que as meninas têm seus direitos, que elas podem participar de competições com esportes ditos masculinos, ou que os meninos também poderiam participar de esportes ditos femininos.

Claro que quando se fala de gênero, preconceito, inclusão, questões étnico raciais, homossexualidade e outros assuntos que a sociedade já traz estereotipado, a discussão nunca é encarada facilmente, nem tampouco com normalidade, mas quando pequenas sementes são plantadas para que esse cenário seja mudado, as pessoas colocam-se no lugar do outro, o ‘outro’ diferente, a mulher, o homossexual, o negro, a criança, o feio e tantos ‘outros’, que estão muito perto da gente.